

# OS FUNDAMENTOS PARA UMA TIPOLOGIA DE TEMPERAMENTOS, CARÁTER E PERSONALIDADE BASEADA DESDE OS TIPOS SANGUÍNEOS DO GRUPO ABO ATÉ AS BASES BIOLÓGICAS DA PERSONALIDADE

DE PAULA, Marcelo Peçanha<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho avalia a sobreposição das várias propostas de tipologia humana em suas múltiplas dimensões desde as bases constitucionais até sua atitude neurovegetativa. As bases comparativas demonstram como os tipos sanguíneos associados ao *Rh*, os 16 tipos de Jung, os 8 tipos caracterológicos podem estar relacionados com os novos achados psicobiológicos dos neurotransmissores e dos sistemas de ativação córtico-reticular. Estes achados conduzem a uma nova forma de se aplicar o vasto conhecimento das tipologias à avaliação da natureza humana no que se refere ao comportamento, temperamento e suas influências ao conceito de “Carta Química do Caráter” proposto por Cloninger e a implicação recíproca das bases biológicas da personalidade propostas por Eysenck. Proporciona uma visão diferenciada destes sistemas, cuja fonte varia desde um levantamento em forma de inventário com auto-avaliação subjetiva até um exame laboratorial do sangue.

**Palavras-chave:** Tipologia, Psicohemologia, Temperamento, Psicobiologia.

---

<sup>1</sup> O autor é Psicanalista clínico com formação em Teologia e pesquisador independente das estruturas de caráter, temperamento, personalidade e comportamento humano. Contato: [menteologia@hotmail.com](mailto:menteologia@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO:

O presente trabalho começa pelo meio do caminho, pois possui uma propriedade simbolizada pelas reticências: começa num ponto qualquer no meio do caminho (BERGEN, 2006). Ao longo da história várias foram as tentativas de “enquadrar” os humanos em grupos relacionando suas semelhanças, selecionando seus pares, no intuito de construir grupos de tipos ou tipologias.

A bibliografia sobre os tipos humanos está extensamente disponível a todos os leitores interessados no assunto de forma que este trabalho não pretende realizar uma revisão ontológica das tipologias nem mesmo justificar sua existência enquanto método absoluto de conhecimento das características humanas, muitas vezes denominadas de faculdades ou fatores.

A história dos tipos (lembrando que é um começo pelo meio) tem origem nas tipologias de Hipócrates e Galeno quando definiram a constituição dos humanos pelos elementos da natureza (terra, fogo, água e o ar) e pelos humores dominantes no organismo (fleuma, bile negra, bile amarela e sangue).

A tipologia de Hipócrates ficou universalmente conhecida ao determinar a distribuição dos seres humanos<sup>2</sup> nos seus tipos humores e com esta proposta definiu os clássicos: melancólico, colérico, sanguíneo e fleumático.

Estas quatro forças são conhecidas há mais de dois mil anos, desde que o tempo de Hipócrates, o médico mais famoso da Grécia antiga (Rolfe, 2006). E até os dias de hoje nos demonstra válida e ainda causa assombros por suas afirmações serem confrontáveis com a realidade em nossa volta.

Vários estudos, pesquisas e correlações foram construídas ao longo da história e em cada época se acentuava, ou enfraquecia o seu uso e sua credibilidade. Os nomes utilizados para estes estudos, de natureza sazonal, variam de “temperamentologia”, caracterologia<sup>3</sup>, personologia<sup>4</sup>, humorologia<sup>5</sup>, assim como outros menos conhecidos, buscaram associar às suas ciências características comuns cuja utilização dos termos nunca foi normalizada causando grande confusão entre suas utilizações e aplicações.

Infelizmente, é comum o uso de termos como constituição, caráter, personalidade e temperamento como sinônimo o que demonstra uma grande falta de consenso no uso dos termos e na sua investigação do venha a ser a mente humana e sua composição em fatores ou aspectos inerentes.

Além do fato de que cada tipo, pela própria natureza dinâmica da mente humana, possuir suas idiosincrasias, agrava-se ao fato de que algumas tipologias transcendem o aspecto subjetivo ou emocional do humano para suas características morfológicas, fisionômicas<sup>6</sup>, metoposcópicas<sup>7</sup>, biótipos<sup>8</sup> (inclui-se também a biotipologia<sup>9</sup>), grafopsicológicas<sup>10</sup> (distinguindo-se da grafologia) e extensas investigações antropométricas

---

<sup>2</sup> É comum verificar-se a utilização dos temperamentos na análise prática dos temperamentos de cavalos, por exemplo.

<sup>3</sup> Le Senne (1963) é considerado o seu precursor.

<sup>4</sup> Neologismo criado por Murray. Ver Hall e Lindzey (1984) página 2.

<sup>5</sup> Neologismo criado por Rolfe (2006).

<sup>6</sup> A maior referência histórica do estudo Ada fisionomia é de Lombroso. Porém, uma pesquisa recente, Carre e col. (2008), atesta que “Agressão pode estar ‘escrita no rosto”.

<sup>7</sup> Metoposcopia, em Parker e Parker (2000) ... “a arte de julgar o caráter de uma pessoa ou de avaliar o seu destino a partir da sua testa ou do seu rosto”.

<sup>8</sup> Berardinelli (1933).

<sup>9</sup> Santos (1941).

<sup>10</sup> Ver Marchesan (1950) prefácio.

do crânio e da face, dos membros e suas dimensões utilizando-se aparelho estatístico de grande complexidade.

De todas as variações possíveis a de maior interesse ao presente trabalho corresponde a hemopsicologia<sup>11</sup> que se desenvolveu em várias partes do mundo sendo que os focos mais estruturados e desenvolvidos foram Japão<sup>12</sup>, Portugal<sup>13</sup>, Alemanha<sup>14</sup>, Estados Unidos<sup>15</sup> e no Brasil<sup>16</sup> nos últimos anos.

Portanto, após um breve histórico das tipologias clássicas e suas novas variantes o trabalho se concentrará em validar as leis ou *constantes psicobiológicas* na questão da estrutura bio-sanguínea, suas correlações com o temperamento e o caráter e sua incidência de tipo social (LESSA, 1957).

Um breve histórico das tipologias humanas e suas sobreposições, correlações e complementaridade. A tipologia de Hipócrates se imortalizou nas mais variadas áreas de estudo humano. Ciências como medicina, psicologia, vocação e profissão, pedagogia, criminalística, direito, antropologia e religião. Esta última, inclusive, condensou outras para seu auxílio unindo, por exemplo, às questões espirituais à pedagogia.

Começaremos por montar um diagrama dos quatro tipos de temperamento, de tal forma que a disposição também seja por si só, muito esclarecedora. A figura 1 pode-se observar a disposição topográfica dos humores, também denominados de humores ou temperamentos.

|             |           |
|-------------|-----------|
| Melancólico | Colérico  |
| Fleumático  | Sanguíneo |

Figura 1 – Os Quatro Temperamentos.

Os temperamentos podem ser opostos (simétricos ou complementares<sup>17</sup>), complementares ou contrários. Assim, os opostos têm uma dinâmica interacional peculiar que dependem dos sentidos dos pólos. Para o momento basta conceber as oposições complementares formando pares por atração: Melancólico e Sanguíneo, assim como,

<sup>11</sup> Termo utilizado por Lessa (1957) página 163.

<sup>12</sup> Nomi pelo Japão

<sup>13</sup> Lessa (1957) página

<sup>14</sup> Schaer (1947)

<sup>15</sup> D'Adamo (1998)

<sup>16</sup> Moreira (1965)

<sup>17</sup> Para diferenciação pode-se recorrer a Bateson (1935), Watzlawick, Beavin e Jackson (1967) *apud* Bateson (1935) página 62-5 e DePaula (1999) *apud* Bateson (1986) página 2-6.

Fleumático e Colérico. Para facilitar a visualização, esta disposição será sempre fixa de modo que um simples olhar já poderá associar a proposta do autor citado em comparação a de Hipócrates.

As questões levantadas por críticas às tipologias muitas vezes têm origem de confusões das mesmas com suas aplicações. É importante não confundir a correspondência recebida com o carteiro<sup>18</sup>. Como a tipologia quatrina é de grande utilidade para se buscar um entendimento de como as principais características de uma pessoa se manifestam, este método foi largamente utilizado, por exemplo, na religião.

### **A tipologia de Hipócrates aplicada à religião e à espiritualidade:**

No Antigo Testamento: segundo Calegari (2008), textos que datam de VI a.C., no Antigo Testamento, nas palavras da autora:

O profeta Ezequiel divide a humanidade em quatro temperamentos, denominado-os leão, boi, homem e águia. Ao grupo leão correspondem os destemidos e aventureiros; os trabalhadores e acumuladores são do grupo do boi; homem dizia respeito àqueles que já demonstravam preocupação com a condição humana; e a águia identificava pessoas que enxergavam longe, os precursores do conhecimento e da pesquisas científica (GALEGARI, 2008)<sup>19</sup>.

**Religião Evangélica:** Lahaye (1993)<sup>20</sup> realizou uma avaliação dos temperamentos de figuras bíblicas de destaque e sua análise histórica possibilitou o enquadramento dos mesmos dentro da tipologia de Hipócrates (ver figura 2).

|        |       |
|--------|-------|
| Moisés | Paulo |
| Abraão | Pedro |

Figura 2. As quatro figuras bíblicas de Lahaye (1993).

Para Lahaye (1983) o temperamento é a nossa “natureza antiga” e que o homem necessita de uma “natureza nova” que é transferida aqueles que aceitem Jesus Cristo em suas vidas e utilizam as provações das figuras bíblicas de Pedro, Abraão, Moisés e Paulo para demonstrar seu raciocínio.

Lahaye (1983) descreve não só os tipos, mas também analisa um por um suas interações com todos os outros tipos. A riqueza de descrição demonstra a perícia do autor e a sua experiência com a tipologia. Em sua busca pela história o autor cita que Hipócrates

<sup>18</sup> Encontrar uma metáfora e citar.

<sup>19</sup> Galegari (2008) página 18-9.

<sup>20</sup> Lahaye (1993)<sup>a</sup> apud Lahaye (1993)<sup>b</sup>

também associou a cada um dos quatro tipos suas peculiaridades de estilo: jovial, enérgico, desanimado e fleumático.

Para Lahaye (1983) é importante tomar consciência de que nenhuma pessoa é fruto de um único temperamento sugerindo que haja uma graduação daquele mais presente até o menos presente citando que, por exemplo, todos são frutos de origem de quatro avós que contribuíram com seus genes para a formação de nosso temperamento.

**Religião do Candomblé:** Pinto (2001) realizou estudo de antropologia sonora e encontrou na dança dos rituais a relação da música e dos movimentos a identificação dos orixás com os quatro temperamentos de Hipócrates (ver figura 3).

|       |         |
|-------|---------|
| Omolu | Iansã   |
| Oxum  | Oxumaré |

Figura 3. Distribuição dos orixás segundo os seus temperamentos.

Para Pinto (2001) sua análise dos elementos sensoriais, também denominados de estruturas acústico-mocionais aplicadas à análise interna da dança que é parte de seqüências de movimentos em conjunto com o seu suporte musical inerente é chave para sua constatação. Pinto (1991) *apud* Pinto (2001), diz que aplicada ao exemplo do candomblé, em que a dança é parte do ritual, a corporalidade se enquadra em uma etnografia da performance com peso nos elementos isolados de movimento e som.

O autor cita que desta análise interna do repertório acústico-mocional que obteve de quatro orixás já demonstra a complexidade do assunto, contribuindo, ao mesmo tempo, ao estudo da natureza e do caráter arquetípico das divindades do candomblé (PINTO, 1991 *apud* PINTO, 2001).

Pinto (2001) associa aos orixás outros aspectos podem ser generalizados aos tipos que ocupam o mesmo quadrante. Para o autor, Omolu interconecta-se com o *peso*, Oxumaré com a *fluência*, Oxum com o *tempo* e Iansã com o *espaço*.

### **Religião: Espiritualidade, Astrologia, Transcendência e Reencarnação.**

Laignel-Lavastine e col. (1947), demonstram o caráter da música ao seu ritmo, melodia e harmonia. Como o autor não correlacionou seu estudo diretamente com os quatro temperamentos de Hipócrates e seus achados é de especial interesse ao presente trabalho por se tratar de um estudioso dos ritmos biológicos, será analisado segundo Lessa (1957)<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Lessa (1957) *apud* Bourdel e Genevay (1946) página 163-7.

associando as características dos tipos sanguíneos como forma de adaptação à vida, aos componentes dos ritmos biológicos.

Assim, os fatores de Laignel-Lavastine e col. (1947), podem ser relacionados com Lessa (1957) onde os tipos sanguíneos<sup>22</sup>. A corresponde um predomínio *harmônico*, o tipo sanguíneo B a um predomínio *rítmico* e ao tipo sanguíneo O um predomínio *melódico*. O quarto tipo para completar a associação à tipologia de Hipócrates é o tipo sanguíneo AB que pode ser considerado uma mescla dos tipos A e B sendo classificado como *harmônico/rítmico* (ver figura 4).

|                     |                                   |
|---------------------|-----------------------------------|
| Harmônico<br>Tipo A | Harmônico<br>e Rítmico<br>Tipo AB |
| Rítmico<br>Tipo B   | Melódico<br>Tipo O                |

Figura 4. Distribuição das componentes dos ciclos da vida e da música.

Maior esclarecimento sobre esta distribuição em particular será fornecido ao longo do texto. A questão dos ritmos e ciclos da vida corresponde a uma vertente diferente que tem origem também em Hipócrates já que na sua definição os tipos eram regidos pelos elementos que compõem a natureza: fogo, terra, ar e água.

Os ciclos biológicos foram associados aos biótipos, mas também às recursividades da natureza e seus ciclos como estações do ano, as fases da lua (que também são quatro) e a seus múltiplos, como, por exemplo, os Signos do Zodíaco. É por esta razão que os estudos entre ocidente e oriente, inclusive quanto à psicologia, diferem tanto.

Por um lado, a astrologia, a numerologia e outras vertentes associam os tipos a variações da natureza, dos astros e busca as correlações de caráter por seus cálculos. São quatro estações do ano, oscilando a cada sete dias pelo ciclo lunar e toda esta dimensão é encontrada nestas teorias.

Para Queiroz (1997), o padrão tradicional dos quatro temperamentos humanos foi definido dentro das mesmas escolas e ambiente cultural nos quais se originaram os fundamentos da música ocidental, nas chamadas Escolas dos Místicos, das quais Pitágoras fez parte, e onde nasceu o conhecimento que veio a formar os aspectos artísticos, filosóficos, científicos e religiosos da cultura grega. A música, completa o autor, reproduz o universo humano, captado e revelado pela sensibilidade emocional, permitindo compreendê-lo com os sentimentos.

Segundo Queiroz (1997) a matéria constitutiva do corpo físico e psíquico de uma pessoa, “posta para vibrar” pelo sopro de vida, é definida pela proporção dos quatro

---

<sup>22</sup> Tipo sanguíneo não corresponde a um dos tipo de Hipócrates e sim a nomenclatura utilizada da tipagem sanguíneo do sistema ABO.

elementos astrológicos em seu temperamento. Esta questão é complexa e seus cálculos dão origem a uma personologia astrológica<sup>23</sup>.

Para Queiroz (1997), o compositor da música, ao fazer sua obra, nela imprime o timbre pessoal de seu temperamento. Mais do que o instante em que a música é dada à luz, é decisivo o temperamento do compositor para definir as qualidades de vibração de uma música. Dentro desta sintonia as músicas também têm ressonância particular com os elementos. O autor afirma que as características da música, a natureza do compositor e, em boa medida, a do músico que executa a peça somam-se para tornar a peça musical “representante” de um dos elementos, contendo a natureza vibratória típica do elemento.

Segundo Bianchi (1995) é possível distribuir os compositores e músicos pelos temperamentos de Hipócrates em sua versão dos humores. Também, nesta mesma distribuição, o autor inclui as estações do ano (ver figura 5).

|                      |                     |
|----------------------|---------------------|
| Haendel<br>Primavera | Mozart<br>Verão     |
| Bach<br>Inverno      | Beethoven<br>Outono |

Figura 5. Distribuição dos músicos identificados por Bianchi (1995) e das estações do ano.

Outra forma de classificação é dada longitudinalmente em ciclos de sete anos e estes aspectos que se distribuem ao longo do tempo também podem ter relação com os quatro temperamentos de Hipócrates. Segundo Berger (1965):

Esquemmatizando ao extremo, poder-se-ia dizer que o bebê é um amorfo; a criança, um sanguíneo; o adolescente, um sentimental ou um nervoso; o adulto um colérico, um apaixonado ou fleumático; o velho, um apático. Isto quer dizer que, certos momentos da vida, o indivíduo é solicitado em direção a certas estruturas, não pelo acaso ou pelas circunstâncias, mas pela própria lei de seu temperamento. O caráter que apresenta em tal ou qual momento é, pois, a resultante de seu caráter congênito (que exerce a função mais importante) e das influências devidas à idade (BERGER, 1965)<sup>24</sup>.

Segundo Lewis (1975), o homem tem seu livre-arbítrio, mas é submetido aos Ciclos do Cosmo e da Vida. O autor explica as fases de vida do homem como se esta fosse uma espiral que girasse 360° a cada sete anos ou setênios. Com esta proposição Lewis (1975) fundamenta os *Princípios Rosacruz Para o Lar e os Negócios*. Segundo sua doutrina o homem é submetido a fases, onde sua existência na terra é apenas uma parte (Ciclos Terrenos).

<sup>23</sup> A personologia astrológica de Goldscheider (2006) não tem nenhuma relação coma personologia de Murray citada em Hall-Lindzey (1984).

<sup>24</sup> Berger (1965) página 42. Na seqüência deste trabalho será explicado o motivo dos tipos citados pelo autor: nervoso, sentimental, apático e amorfo.

Na descrição dos ciclos, Lewis (1975), atribui números específicos para cada assunto, assim, atribui O Ciclo Anual da Vida Humana com a descrição do Ciclo Número Dois; o período do Ciclo de Negócios com a descrição do Ciclo Número Três; o período do Ciclo da Saúde com a descrição do Ciclo Número Quatro; Ciclo das Moléstias e do Sexo e o Ciclo Diário de Sete Períodos. O autor descreve também o Ciclo da Alma e os Ciclos de Reencarnação.

### ***Nova Era:***

Segundo Vecchio (2006), na década de 1970 vieram ao mundo seres humanos muito especiais, portadores de uma mudança potencial em seu DNA e que estas crianças pertencem à Nova Era. Segundo o autor, a diferença observada entre essas crianças e as demais foi muito grande e descobriu-se que têm uma missão a cumprir e um grande potencial a desenvolver. O autor afirma que como nós, também são dotados de livre-arbítrio, portanto podem não aceitar esse encargo, pois não são predestinados.

O autor as denomina Crianças Índigo e que seus pais, geralmente, cultivam os valores humanos, sejam religiosas ou não. Segundo o autor, os índigos necessitam conviver com pessoas assim (voltadas a valores humanos) para desenvolverem-se harmoniosamente e por isso considera fundamental uma educação baseada numa pedagogia voltada aos valores humanos, por exemplo, as Escolas Waldorf e Montessori.

Para Losey (2008), estamos diante de uma nova e suas explicações incluem mudanças no DNA humano. Para esta autora as crianças de hoje podem ser Cristalinas, Índigo, Estrelas, Anjos da Terra e as Transicionais. Esta tipologia foge ao escopo do presente trabalho.

Segundo Vecchio (2006), as Escolas Waldorf, idealizadas por Rudolf Steiner, tem sua base fundamentada em dez princípios. Segundo o autor, as escolas Waldorf se mantiveram fiéis ao enfoque psicoorgânico da psicologia e da psicopedagogia de Steiner e esta se baseia nos quatro temperamentos.

Para Lacy (1993), estamos no limiar de uma Nova Era, a Era de Aquário, a Era que ficará conhecida como Era Solar. Segundo a autora, existe atualmente um grande interesse nas cores, relacionando com as roupas que usamos, a decoração de nossas casas, escritórios, hospitais etc., mas precisamos nos conscientizar dos aspectos mais profundos dos raios das cores, pois desta forma, pode-se despertar nos outros o conhecimento de que as cores podem e de fato fazem sentir melhor todos os dias, dependendo de como a usamos.

Afirmando ainda que, precisamos abrir nossas mentes e nossa consciência de tal forma que possamos descobrir o profundo conhecimento e sabedoria escondida nos raios cósmicos divinos, dos quais somos parte e nos quais estamos imersos o tempo todo. As cores, segundo Bianchi, podem ter influência sobre os temperamentos e ele as relaciona na composição das quatro cores básicas e associa a elas uma figura geométrica correspondente (figura 6).

Segundo Lacy (1993), os humanos reagem à cor através dos olhos, discernindo quatro cores únicas: verde, amarelo, vermelho e azul. Para a autora, vivemos num mundo dual – luz e trevas -, donde um não existe sem o outro, pois é da escuridão que surge toda a manifestação.

Fato curioso é que na estação do verão a cor mais disponível, por assim dizer, é o verde e a esta cor atribui-se o aumento de liberação de dopamina<sup>25</sup>, seria licito fazer um questionamento sobre a ausência do verde (neste caso das folhas e arbustos) ter implicação nas depressões sazonais atribuídas aos quadros de depressão de inverno.

---

<sup>25</sup> Matéria de divulgação do projeto de Wiseman (2008) na construção do que veio a ser chamada de “A sala mais relaxante do mundo”, tem uma luz levemente verde para aumentar a liberação de dopamina, substância neurotransmissora atribuída ao bem-estar e ao prazer. Fonte: Revista Mente e Cérebro n. 191, pp. 19.

Figura 6.  
Cores básicas  
de Lacy  
(1993) e as  
cores e  
figuras  
geométrica  
atribuídas aos  
temperamento  
s em Bianchi  
(1995)

|                   |                      |
|-------------------|----------------------|
| Verde<br>Trapézio | Amarelo<br>Triângulo |
| Azul<br>Círculo   | Vermelho<br>Quadrado |

### **Religião Católica:**

Rossetti (1965), desenvolveu uma pedagogia muito especial voltada à iniciação, educação, orientação e vocação dos sacerdotes. Nas palavras do autor:

O que, sim, pretende é uma finalidade eminentemente prática e – se nos é permitido dizer – “sacerdotalmente caritativa” em favor dos muitíssimos educadores – superiores de casas de formação, diretores espirituais e também pais de família, que não tiveram a possibilidade nem a oportunidade e, talvez, nem sequer o tempo de adquirir uma cultura psicológica consciente, baseada na moderna caracterologia, que resulta tanto mais necessária quanto mais elevada é sua missão e sua responsabilidade educativa (ROSSETTI, 1965).

Na sua concepção, Rossetti (1965), desenvolveu uma “Caracterologia Especial” transcrevendo a cada temperamento no Plano Humano e no Plano Sobrenatural. Sendo que do último, o autor analisa cada temperamento nas suas *disposições carcterológicas em face do sobrenatural* e como apresentá-lo ao sobrenatural.

O autor analisa em detalhes a Direção espiritual, a Piedade, a Ascética, a Vida religiosa, a Pobreza, a Castidade, a Obediência, a Vida em comunidade e o Apostolado. Tendo estas análises, Rossetti orienta os diretores espirituais como lidar com cada um dos temperamentos em cada uma das esferas identificadas anteriormente, inclusive, se o seminarista deveria ou não ser no futuro um diretor espiritual da congregação.

Por coincidência ou não, um dos grandes colaboradores para uma psicologia caracterológica foi o professor e padre José A. de Laburu, que esteve no Brasil de 13 a 24 de abril de 1953 em conferência<sup>26</sup> promovida pela Reitoria da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

### **A tipologia de Hipócrates aplicada a outras áreas:**

#### ***Música, Criminologia, Negócios, Vocação Profissional e Consultorias Organizacionais:***

As escalas de afinações dos instrumentos musicais do ocidente seguem as definições dos temperamentos. Segundo Gaínza (1992), Bosanquet (1876) introduz uma nomenclatura que é utilizada até os dias de hoje classificando os sistemas musicais de forma cômoda e compreensiva como sendo: regulares, regulares cíclicos, irregulares e de divisão múltiplas (múltiplos de oitava).

Segundo Gaínza (1992), estes temperamentos definem os intervalos temperados das notas e desta concepção faz uma importante distinção entre afinação e temperamento

<sup>26</sup> As conferencias ministradas pelo Pe. Laburu deram origem ao livro “Curso de Carcacterologia: psicofisiologia da conduta: normal e patológica”. São Paulo: Sapiencia, 1953.

mostrando que os intervalos de terceira maior (temperamento igual a 400 cents), terceira menor (temperamento igual a 300 cents), quarta (temperamento igual a 500 cents), e quinta (temperamento igual a 700 cents).

Gáinza (1992) não chega a atribuir os intervalos aos quatro temperamentos de Hipócrates e Galeno, mas que Barbour (1972) o fez em seu livro *Tuning and Temperament, A History Survey*. Não é objeto deste trabalho aprofundar neste assunto e sua citação apenas demonstra, mais uma vez, a universalidade dos quatro temperamentos, mas vale frisar que da origem nas escolas pitagóricas tanto Queiroz (1997) como Gáinza (1992), correlacionam a versão oriental dos elementos da natureza, assim como, a versão ocidental dos humores como tendo uma origem em comum, respectivamente.

Das tipologias que se desdobraram dos quatro temperamentos de Hipócrates destaca-se a tipologia de Jung (1991) que se inicia com dois tipos, introvertido e extrovertido, e se estende a outros quatro tipos psicológicos chamados de funções: sensação, intuição, pensamento e sentimento. Cada um destes tipos pode se recombinar e ao final das possibilidades encontramos 16 tipos psicológicos definidos pelo autor.

Numa disposição mais simplificada de Jung (1991) pode-se dizer que o autor atribui caráter introvertido ao melancólico e ao fleumático, ao passo que o colérico e o sanguíneo são identificados como extrovertidos, confirmados por Bianchi (1995).

As tipologias baseadas em Hipócrates tiveram uma expansão de números de tipos para fazer face aos achados clínicos e de análise que se sucederam nos últimos tempos. A caracterologia se expande de quatro tipos para oito e sua nomenclatura passa por uma reformulação que no início trouxe algumas confusões pelo fato de manter alguns nomes anteriores (colérico, sanguíneo e fleumático), substituir um (no caso do melancólico) e acrescentar outros (sentimental, apaixonado, nervoso, apático e amorfo).

Deste feito, cada quadrante se divide em dois e é criada a fórmula caracterológica tridimensional dos fatores Emotividade e não-Emotividade, Atividade e não-Atividade seguida de Primariedade e Secundariedade com as respectivas abreviações: E/n-E, A/n-A, P/S (ver figura 7).

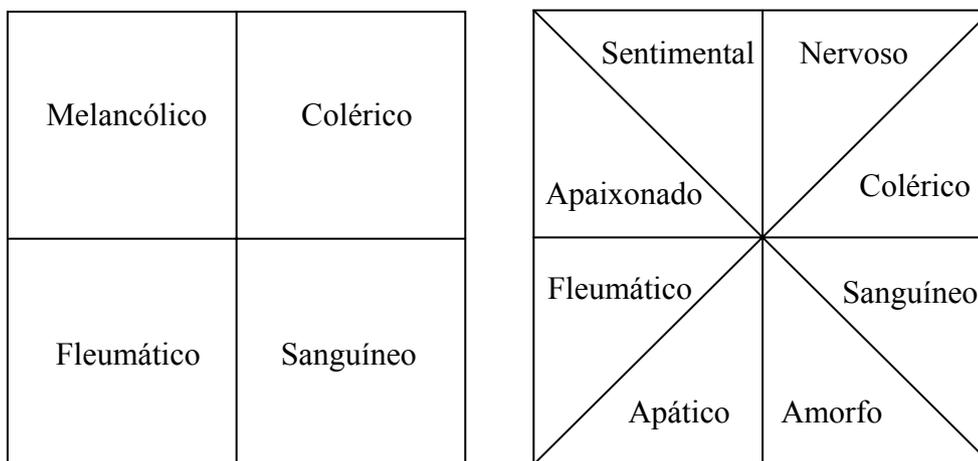


Figura 7. Comparação dos quatro temperamentos de Hipócrates com os oito tipos caracterológicos.

Berger (1965)<sup>27</sup> elaborou um questionário com dez perguntas para cada fator. Sendo ao todo noventa afirmações duplas, uma para cada sentido extremo do fator. Assim, o analisado deve responder com um número 1, 5 (às vezes) e 9 conforme concorde com a afirmação presente no questionário. Com o número procede-se a soma dos valores do mesmo fator e deste calcula-se a média aritmética, cujo resultado é o grau do fator. O uso do termo fórmula caracterial é justificado quando o nome dos fatores é substituído pelo grau obtido das

<sup>27</sup> Berger (1965) o questionário está na página 275-87 separado por fator.

reposta do questionário, por exemplo, os graus 846 são respectivamente E, n-A e S, cujo tipo corresponde ao nervoso.

A fórmula caracterológica leva em consideração nove fatores, ou faculdades humanas, sendo que cada fator representa um espectro fracionado em graus. Segundo Le Senne (1963)<sup>28</sup> as três propriedades constitucionais são a emotividade (E/n-E), a atividade (A/n-A) e a ressonância das representações (P/S). Destas três propriedades, como propriedades suplementares, é preciso notar antes de tudo que elas só distinguem os homens pelo grau (LE SENNE, 1963) (ver figura 8 para as fórmulas dos tipos cracterológicos).

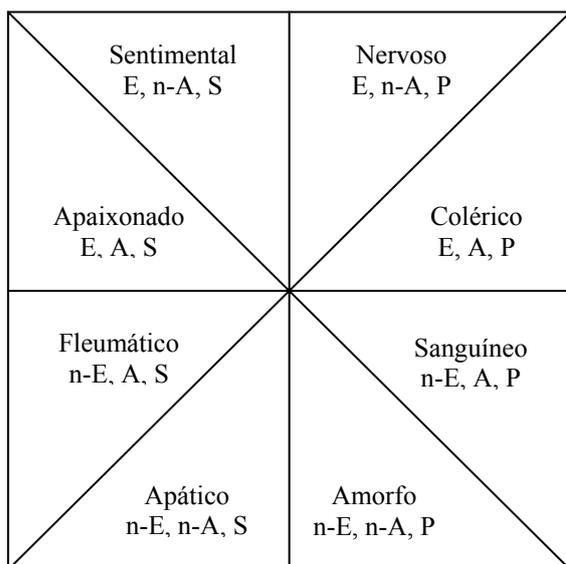


Figura 8:  
Os oito tipos carcaterológicos e suas fórmulas  
caracteriais.

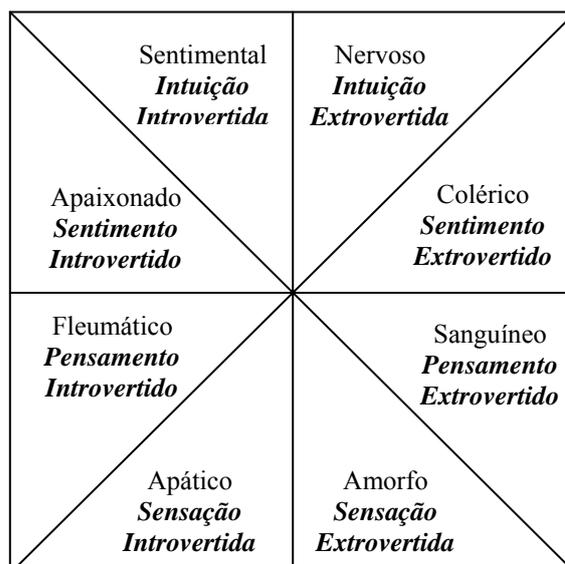


Figura 9:  
Os oito tipos carcaterológicos e a sobreposição  
dos tipos de Jung (1961) em itálico e negrito.

Resten (1963), em sua investigação de caracterologia criminal, elaborou uma justaposição dos tipos psicológicos de Jung (1991) e a carcaterologia de Le Senne (1963). A contribuição de Resten (1963) lança luz sobre as tipologias e as interconecta de forma brilhante e torna-se de grande importância para o futuro das tipologias (ver figura 9).

As tentativas de sobreposição de classificações diferentes nem sempre resultam em boas comparações. Assim ocorre, por exemplo, as sobreposições de biotipologias baseadas em medidas de partes do corpo como em Santos (1941) e Berardinelli (1933). Estas sobreposições podem sim, acrescentar detalhes mostrando-se mais complementar do que substitutivas. No entanto, as sobreposições de caracteres emocionais e outras carcaterísticas mensuráveis subjetivamente, podem resultar em perfeitos ajustes classificatórios possibilitando um especialista numa dada linha tipológica compreender as declarações, explicações e análise de uma outra.

Como se pode constatar, os quadrantes da esquerda são definidos como introvertidos e os da direita como extrovertidos. A distribuição tridimensional de forma plana nos eixos cartesianos X e Y carece de detalhes importantes na sua concepção. Na figura 10, pode-se ter uma idéia mais justa com o fator Atividade que desta forma demonstrativa assume uma dimensão específica no eixo Z.

<sup>28</sup> Le Senne (1963) e também Gaillat (1976) *apud* Le Senne (1963) página 53.

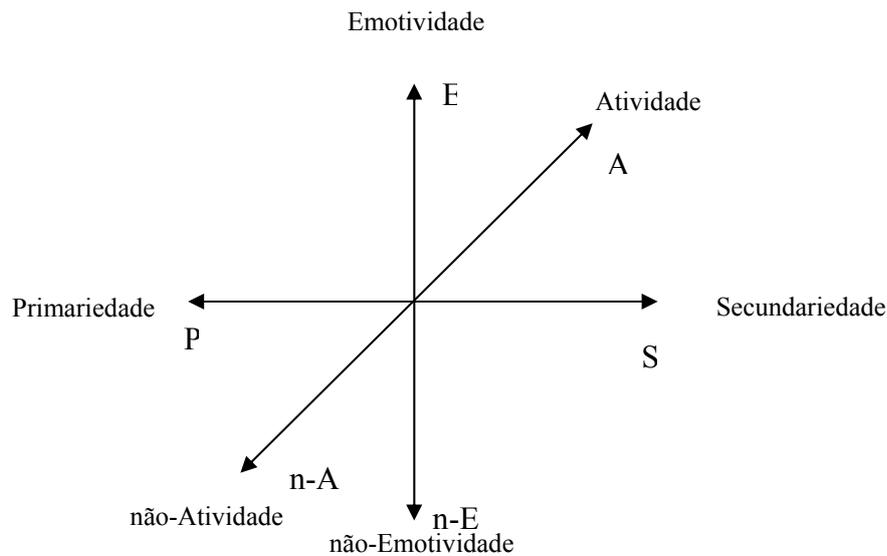


Figura 10. Disposição tridimensional dos fatores principais da caracterologia definidos em Le Senne (1963).

Uma outra abordagem tridimensional é apresentada por Hans J. Eysenck (1916-1997)<sup>29</sup>. Segundo Pervin e John (2004), Eysenck dedicou-se inicialmente às dimensões introvertido/extrovertido e neuroticismo (emocionalmente estável-instável) e ajustou estas dimensões básicas da personalidade com os quatro principais tipos de temperamento, distinguidos pelos médicos gregos Hipócrates e Galeno.

Pervin e John (2004) acrescentam que Eysenck, após ênfase inicial às duas dimensões, acrescentou uma terceira dimensão aos seus estudos a qual chamou de psicoticismo. Os autores citam que Eysenck e Long (1986) verificaram que existe considerável apoio para a existência dessas três dimensões. Segundo o autor, elas foram observadas em estudos de diferentes culturas, e existem evidências de um componente hereditário em cada uma delas (PERVIN e JOHN, 2004).

Eysenck desenvolveu vários questionários em forma de inventário dos quais se destacam o *Maudsley Personality Inventory* (extroversão e introversão), o *Eysenck Personality Inventory* e, mais recentemente, o *Eysenck Personality Questionnaire* (PERVIN e JOHN, 2004).

Segundo Pervin e John (2004), os achados de Eysenck para os três fatores possibilitaram a construção de uma sobreposição dos quatro temperamentos desta vez associados a alguns adjetivos. Para cada temperamento, Eysenck atribuiu oito características sobre humor, disposição, aspectos de iniciativa (proatividade e reatividade) entre outros. Estes atributos, por assim dizer, podem ser consultados na tabela 1 e figura 11.

Os adjetivos podem ser considerados como fatores adjacentes uma vez que Cattell os definiu como traços, fatores e superfatores. Em sua análise chegou a confrontar o que chamou de “Traço de Origem do Ego versus Emocionalidade/Neuroticismo” (PERVIN e JOHN, 2004, pp. 204). No entanto, os adjetivos levantam outras questões como as traduções intra e extra linguais, por exemplo. No Brasil há centenas de palavras utilizadas como sinônimo para referir-se a elementos de personalidade. Sabe-se que as traduções requerem a tensão original da aplicação do conceito e sua diversidade dificulta sobremaneira a sua reprodução original.

<sup>29</sup> Pervin e John (2004) apud Eysenck página 192.

|                 |  |                                       |               |
|-----------------|--|---------------------------------------|---------------|
| Mal-humorado    | Melancólico<br>(Introvertido e Instável) | Colérico<br>(Extrovertido e Instável) | Melindroso    |
| Ansioso         |  |                                       | Impaciente    |
| Rígido          |  |                                       | Agressivo     |
| Sóbrio          |  |                                       | Excitável     |
| Pessimista      |  |                                       | Mutável       |
| Reservado       |  |                                       | Impulsivo     |
| Anti-social     |  |                                       | Otimista      |
| Quieto          |  |                                       | Ativo         |
| Passivo         | Fleumático<br>(Introvertido e Estável)   | Sanguíneo<br>(Extrovertido e Estável) | Sociável      |
| Cuidadoso       |  |                                       | Expansivo     |
| Reflexivo       |  |                                       | Falante       |
| Pacífico        |  |                                       | Responsivo    |
| Controlado      |  |                                       | Tranquilo     |
| Confiável       |  |                                       | Vivaz         |
| Temper. Estável |  |                                       | Despreocupado |
| Calmo           |  |                                       | Líder         |

Tabela 1. Adaptado do gráfico de Pervin e John (2004) figura 7.2 página 194.

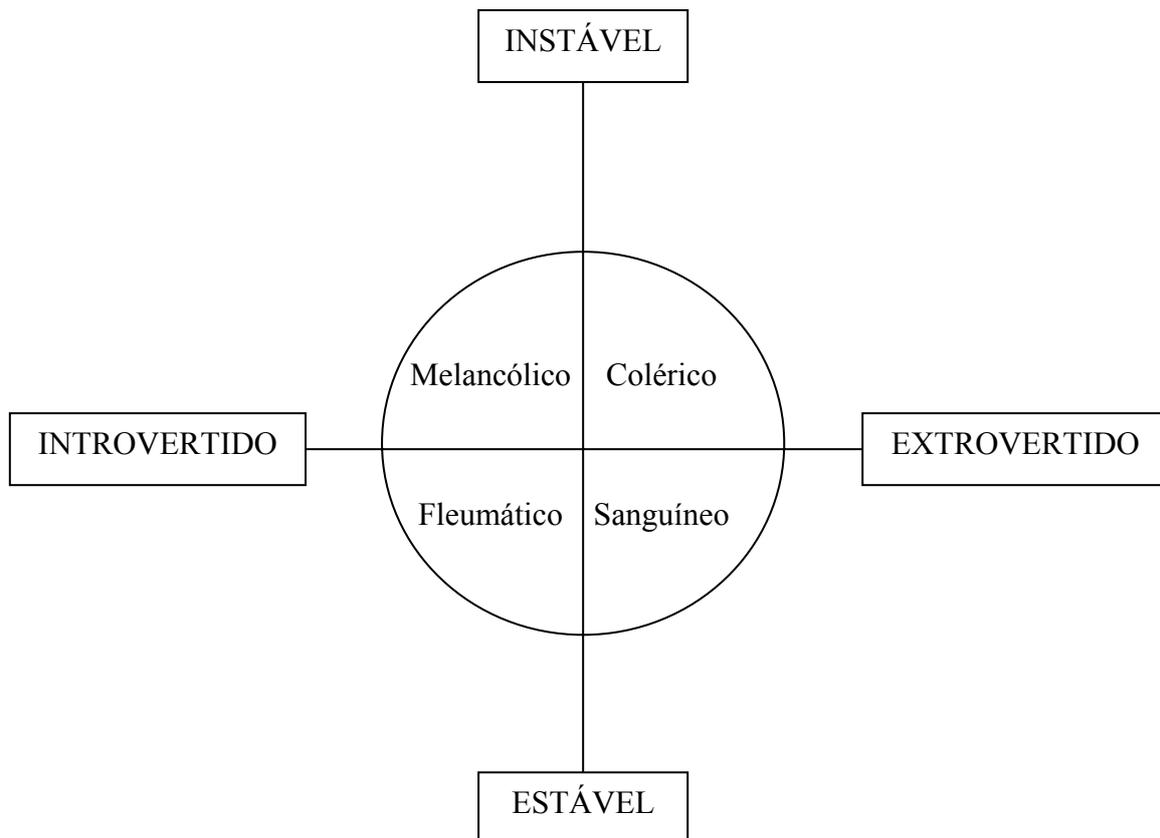


Figura 11. Adaptado de Pervin e John (2004) *apud* Cattell, pp. 194.

Outros autores confirmaram, além dos já citados, a existência dos três fatores a exemplo dos pesquisadores Clark e Watson (1999). Estes autores recorreram a neurobiologia

da personalidade para identificar as três principais dimensões do temperamento (PERVIN e JOHN, 2004)<sup>30</sup>. Estas três dimensões, denominadas pelos autores de *NE* (emocionalidade negativa), *PE* (emocionalidade positiva) e *DvC* (desinibição *versus* constrangimento) se aproximam dos *Big Five's* propostas por Raymond B. Cattell (1905-1998) em sua abordagem Analítico-Fatorial (PERVIN e JOHN, 2004).

Segundo Parvin e John (2004) embora tenha se afirmado que o modelo de cinco fatores é uma descoberta básica da psicologia da personalidade e que o número de cinco fatores está “certo”<sup>31</sup>, alguns críticos sugerem que menos de cinco seja necessário<sup>32</sup> e por outro lado, outros sugerem que cinco não são suficientes<sup>33</sup>.

Muito embora a caracterologia relaciona nove fatores para um amplo levantamento caracterológico, os continuadores de sua metodologia afirmam que apenas os três fatores básicos são suficiente para a identificação do temperamento, considerado pelos mesmos como o núcleo do caráter.

Segundo Depue (1996), *PE* está relacionado à ação da dopamina, a substância do “sentir-se bem”. Segundo Parvin e John (2004), níveis altos de dopamina são associados a comportamentos de aproximação, ao passo que déficits nesse neurotransmissor são associados à déficits em motivação. Clark e Watson (1999) sugerem que diferenças individuais na sensibilidade desse sistema biológico aos sinais de recompensa que ativam a motivação e o afeto positivo, e processos cognitivos de apoio, formam a base da dimensão de *PE* do temperamento (PERVIN e JOHN, 2004)<sup>34</sup>.

Cloninger (1995), realiza um feito inédito construindo uma “Carta Química do Caráter”, cujos tipos são distribuídos segundo a concentração de serotonina, noradrenalina e dopamina. Com apenas uma pequena amostra de sangue o Dr. Cloninger realiza uma análise do temperamento. A cena, segundo a revista de psicobiologia *Sciences Et Avenir* assemelha-se a um filme de ficção científica.

A tipologia de Cloninger (1995) classifica três exemplos de perfis pela análise do sangue: o animador, o político e o obsessivo. Segundo o autor o temperamento é formado por traços do caráter. Sua proposição encontra ressonância, como já citado anteriormente, em Le Senne (1963) e em Eysenck (1990), assim como, nos achados neurobiológicos de Clark e Watson (1990).

Cloninger (1995) formulou uma combinação dos três neurotransmissores de forma que cada um participa nos tipos por sua concentração: aumentada, normal ou diminuída. Assim, com três tipos e três possibilidades para cada um, justifica sua *Carta Química*<sup>35</sup> com oito classes, sendo três em cada uma, somando no total vinte e sete tipos e subtipos. Estas classes podem se sobrepor aos oito tipos caracterológicos já demonstrados na figura 9 (Vitti, 2008). Segundo este autor:

Com os avanços da ciência, e principalmente da Biologia Molecular, temos hoje estudos que comprovam que por enquanto, quatro neurotransmissores principais modulam quimicamente o cérebro e a psique, influenciando o comportamento interno e ambiental das pessoas (VITTI, 2008).

Kolb e Whishaw (2002) descrevem funções comportamentais nas quais cada um dos quatro sistemas ativadores ascendente foram implicados a saber os sistemas: colinérgico, dopaminérgico, noradrenérgico e serotoninérgico. Segundo os autores, o sistema colinérgico

<sup>30</sup> Pervin e John (2004) *apud* Clark e Watson (1999) página 268.

<sup>31</sup> Pervin e John (2004) *apud* McCrae e John (1992) página 238.

<sup>32</sup> Pervin e John (2004) *apud* Eysenck (1990); Tellegen (1991) e Zuckerman (1990) página 238.

<sup>33</sup> Pervin e John (2004) *apud* Buss (1988), Cattell (1990) e Waller (1999) página 238.

<sup>34</sup> Clark e Watson (1999) página 414. Citado em Pervin e John (2004) página 269.

<sup>35</sup> Termo utilizado pelo autor.

contribui para a atividade de EEG<sup>36</sup> do córtex e do hipocampo em uma pessoa alerta e mentalmente ativa e parece desempenhar um papel no comportamento normal de vigília. Sua relação aos quadros de Alzheimer já está assegurada embora ainda não se saiba precisamente como atua uma vez que outros tipos de neurônios podem estar envolvidos nesta doença.

Segundo os autores, o sistema dopaminérgico está envolvido no comportamento motor e assinalam que perda de neurônios deste sistema está relacionada ao Parkinson, ao passo que sua hiperatividade está relacionada à esquizofrenia. Já o sistema noradrenérgico, segundo os autores, é muito difícil de se identificar, mas já se pode afirmar que a depressão é relacionada à queda das atividades deste sistema, assim como, sua atividade elevada está relacionada a sintomas de comportamento maníaco.

O sistema dos neurônios serotoninérgicos tem participação na produção de EEG de vigília no prosencéfalo, da mesma forma que o sistema colinérgico, embora este sistema ainda não esteja completamente mapeado. Pode ser que alguns sintomas da depressão estejam relacionados a queda de atividades dos neurônios serotoninérgicos e conseqüentemente, isto sugere que pode haver dois tipos de depressão, sendo uma relacionada à norepinefrina e outra à serotonina (KOLB e WHISHAW, 2002).

Cloninger (1995) relacionou a atividade de três neurotransmissores a comportamentos específicos de fácil identificação. Para os neurônios de dopamina regulados pelo gene  $D_{RD4}$  identificado por Richard Epstein<sup>37</sup>, foi dado o tipo “*Busca de Novidade*”, para os neurônios de serotonina o tipo “*Evitamento de Sofrimento*” e para a noradrenalina o tipo “*Necessidade de recompensa*”. Cloninger sugeriu ainda, posteriormente, o tipo “*Autotranscendente*” relacionado ao GABA<sup>38, 39</sup>. Acontece que o sistema GABA não poderia, ou deveria, ser considerado mais um tipo e sim uma transcendência de todos os outros já que este inibe os neurônios dos quatro sistemas<sup>40</sup>. Como se pode constatar o sistema proposto por Cloninger (1995) em sua “*Carta Química do Caráter*” pode ser melhor compreendido em uma perspectiva tridimensional como da figura 12.

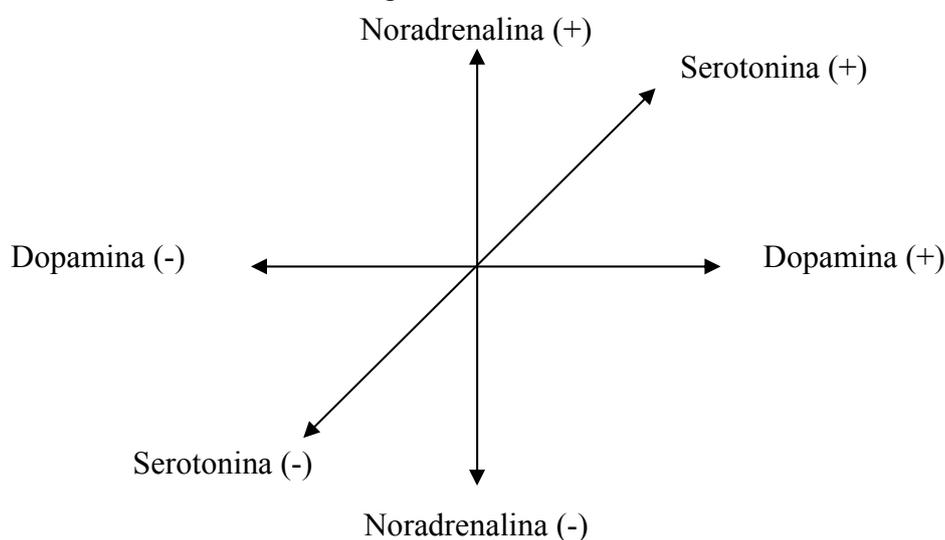


Figura 12. Perspectiva tridimensional da “Carta Química do Caráter”

<sup>36</sup> Eletroencefalograma.

<sup>37</sup> Vitti (2008) *apud* Epstein.

<sup>38</sup> *Idem* 35.

<sup>39</sup> O ácido  $\gamma$ -aminobutírico é um neurotransmissor aminoácido que inibe os neurônios. Ver Kolb e Whishaw (2002) página 166.

<sup>40</sup> *Idem* 37.

Segundo Juan-Espinosa *In* Flores-Mendonça [et al] 2006, o traço introversão/extroversão faz parte de um continuum regulado pelo SARA (sistema aferente reticular ascendente) e o traço neuroticismo é regulado pelo cortico-visceral, chamado também de córtico-límbico. Ainda segundo o autor, os introvertidos em repouso apresentam ondas em EEG do tipo alfa superiores enquanto os extrovertidos no mesmo estado apresentam onda beta inferiores ao mesmo exame.

Das diversas ondas registradas em um EEG (alfa, beta, gama e delta), as que mais nos interessam, no referido estudo, são as ondas alfa e beta, por sua significação para o tom de *arousal*. Segundo Juan-Espinosa *In* Flores-Mendonça [et al] 2006, as teorias neuropsicológicas da personalidade relacionam as diferenças em tom de *arousal* com as diferenças em extroversão e introversão. Os extrovertidos sempre infra-ativados serão ávidos por estímulos externos decorrente de uma vida pobre em estímulos internos. Por outro lado, os introvertidos que são cronicamente hiperativados buscarão reduzir seu tom de *arousal* demonstrando predileção por ambientes calmos buscando um equilíbrio para o intenso mundo interno.

O tom de *arousal* explica as predileções em níveis de intensidade dos estímulos. Sabemos, por exemplo, que o nível de intensidade de som e luz variam para introvertidos e extrovertidos. Onde um necessita reduzi-los, outros necessitam ampliá-los. Um experimento envolvendo dois grupos de pessoas representando hipoteticamente os extremos em introversão e extroversão, realizado pela BBC<sup>41</sup> demonstra inclusive que os introvertidos perante o mesmo estímulo produzem muito mais saliva que os extrovertidos, dado que pode ser bastante significativo para outros estudos.

Fato interessante é que segundo Lessa (1957), Schaer em 1944 realizou estudos na escola de psicologia de Jung cujos trabalhos, segundo o autor, decorreram de largos estudos na população de Zurique e no exército suíço, o levaram a apresentar três tipos de escrita<sup>42</sup>, correspondendo aos grupos A, B e O. No grupo AB as formas seriam cumulativas, como nos grupos O seriam variáveis, consonantes de A ou B. Segundo consta, o autor também teria interpretado as variações raciais das curvas eletroencefalográficas e também os protidogramas (LESSA, 1957)<sup>43</sup>. Este trabalho propõe que não sejam as raças que possam demonstrar padrões das curvas eletroencefalográficas, e sim os grupos sanguíneos do sistema ABO, uma vez que possa estar relacionado o tipo sanguíneo com cada um dos quatro sistemas dos neurônios, que compõem o sistema inespecífico ascendentes.

A tipologia de Jung desde sua publicação tem inspirado inúmeros estudos com sua utilização. Segundo Calegari e Gemignani (2006) foram duas as vertentes principais. Uma, a de James Hillman e Erich Neumann seguiram associando os arquétipos de Jung à mitologia, na outra, se destacam os estudos de Briggs e Myers (com o *MBTI*<sup>44</sup>) e o de David Kersey e Stephen Montgomery que elegeram para estudo a pesquisa empírica dos temperamentos em ação, são hoje, os nomes mais citados. Seguindo os autores, as pesquisas destes dois últimos representam o estado-da-arte sobre caracteres, inteligências e temperamentos dos dezesseis tipos psicológicos (CALEGARI e GEMIGNANI, 2006).

O inventário de Briggs e Myers é largamente utilizado hoje no Brasil nos recursos humanos das empresas, mas não foi o único a vincular temperamento a atividades profissionais (teste vocacional). Segundo Lessa (1957)<sup>45</sup>, a E. v. Eikstedt (1942) se devem os primeiros

<sup>41</sup> BBC. *Mistérios da Mente*. DVD vol. 2. 2005.

<sup>42</sup> Aventa-se aqui a possibilidade de que Schaer (1941) tenha desenvolvido um estudo grafológico para os tipos sanguíneos do grupo ABO, segundo as informações de Lessa (1957).

<sup>43</sup> Lessa (1957) apud Schaer (1944). Embora a referência de Lessa aponte na página 167 de seu livro esta indicação, a data de 1944 é posterior ao livro de Schaer que consta em sua referência bibliográfica como publicado em 1941.

<sup>44</sup> *Myers Briggs Temperament Inventory*. *MBTI* é marca registrada dos autores.

<sup>45</sup> Lessa (1957) página 166.

conceitos sobre a existência de uma “razão química” na propensão para certas profissões. O fundamento biológico para esta proposição de Eikstedt (1942) decorre de um estudo francês sobre a distribuição dos tipos sanguíneos do grupo ABO nas profissões pesquisadas (LESSA, 1957).

Concluindo as questões de vocação profissional para os tipos as referências, segundo os tipos de Jung, podem ser consultadas em Calegari e Gemignani (2006)<sup>46</sup> e as referentes aos temperamentos tal qual os quatro tipos definidos por Hipócrates e Galeno tem boa referência em Rolfe (2006)<sup>47</sup>.

Nos aspectos pedagógicos (não incluindo as questões religiosas ou espirituais), Le Gall (1963) contribuiu com o seu livro “Fracassos Escolares” demonstrando como uma didática respeitando as características dos tipos pode melhorar o rendimento das crianças nas escolas. Importante contribuição também na pedagogia, desta vez voltada aos pais na educação dos seus filhos, Forehand e Long (2003), demonstram como traços dos temperamentos dos filhos evocam certos comportamentos dos pais e mestres<sup>48</sup>. Semelhantes perspectivas pode ser encontrada em Harris (2007), porém a autora adverte que estas manifestações de comportamento têm pouca ou nenhuma implicação na personalidade. Fazendo referência aos achados de Mischel (1968)<sup>49</sup>, que segundo a autora teria abalado as estruturas da psicologia da personalidade gerando a *controvérsia pessoa-situação*.

No âmbito da psiquiatria no Brasil destaca-se os trabalhos de Lara (2004) na correlação do “*Temperamento Forte e Bipolaridade*”. Lara (2004) baseia suas intervenções dos temperamentos tal e qual definidos por Hipócrates e Galeno, na *Clínica de Temperamento e Humor*<sup>50</sup> que atua sobre sua coordenação. A dinâmica que o autor propõe à manifestação da bipolaridade pode ser entendida como uma pessoa que oscila entre os extremos dos temperamentos *Melancólico* (o lado depressivo) e o *Colérico* (o lado da euforia)<sup>51</sup>. Segundo Lara (2006), a perspectiva dos temperamentos é suficiente para a compreensão dos transtornos do humor, do comportamento e da personalidade.

Reverendo Juan-Espinosa In Flores-Mendonça [et al] 2006, pode-se acrescentar que a composição do neuroticismo (Melancólico <-> Colérico) é definida pela presença de uma pré-ativação à noradrenalina cujo desdobramento pode variar em duas possibilidades: o sistema BIS (*behavioral inhibition system*) caracterizada pela neurose introvertida cuja ação resulta em serotonina e o sistema BAS (*behavioral activation system*) caracterizada pela neurose extrovertida cuja ação resulta em dopamina. Como citado anteriormente, o eixo horizontal extroversão/introversão decorre da ação do sistema SARA e o eixo vertical cujo aumento de noradrenalina encorre em neuroticismo decorre da ação do sistema córtico-límbico.

Pervin e John (2004) cita as conclusões de Eysenck (1990) onde o neuroticismo se contrapõe ao psicoticismo como se não fizessem parte de um continuum. Desta perspectiva encontra-se uma ressalva ao conceito emotivo (neuroticismo) *versus* não-emotivo (psicoticismo) proposto pela caracterologia. Desta forma fica evidenciado que o antigo nome de PMD (psicose maniaco-depressivo) não correspondia ao atual nível de conhecimento de sua dinâmica, uma vez que a melhor caracterização deste quadro é representada pela dinâmica do neuroticismo (sistemas BIS e BAS) e não pela dinâmica do psicoticismo (agressividade e desapego). Fato confirmado biologicamente, uma vez que, a pré-ativação para noradrenalina é associada ao neuroticismo o que caracteriza um traço sentimental altruista, e a sua infra-ativação associada ao psicoticismo o que caracteriza um traço para o egocentrismo.

---

<sup>46</sup> Lista na página 210.

<sup>47</sup> Lista na página 234-6.

<sup>48</sup> Parte I, capítulo 2, páginas 11-20.

<sup>49</sup> Harris (2007) apud Mischel (1968).

<sup>50</sup> Clínica de Temperamento e Humor. Porto Alegre, fone (51) 3383-1291. Lara (2004) página 146.

<sup>51</sup> Lara (2004) não propõe diretamente esta possibilidade.



Portanto, é natural que partindo-se dos elementos que a tudo constituem (ar, terra, fogo e água), as variações das estações do ano (**Primavera**: *Yang* dentro do *Yin* e crescimento do *Yang*; **Verão**: *Yang* dentro do *Yang* e *Yang* máximo; **Outono**: *Yin* dentro do *Yang* e crescimento do *Yin*; **Inverno**: *Yin* dentro do *Yin* e *Yin* máximo) e composição do dia e da noite em quatro grandes momentos (**Meia noite**: *Yin* dentro do *Yin*; **Nascer do Sol**: *Yang* dentro do *Yin*; **Meio-dia**: *Yang* dentro do *Yang*; **Por-do-sol**: *Yin* dentro do *Yang*) seria inevitável a aproximação quanto à astrologia e os estudos místicos de ciclagem. O estudo das energias *Yin* e *Yang* também levam em consideração os aspectos dos quatro pontos cardinais, de onde se tem: **Sul** (Solstício do Verão), **Norte** (Solstício do Inverno), **Leste** (Equinócio da Primavera) e **Oeste** (Equinócio do Outono) (MACIOCIA, 1996).

Talvez este tenha sido o motivo pelo qual no Japão o estudo dos tipos sanguíneos tenha sido correlacionado também pelos praticantes da quiromancia, astrologia, *Iching*, numerologia, entre outras, visto que é próprio da cultura oriental este aspecto de relação das energias, assim como, a personologia de Golschneder (2006).

É importante ressaltar que não se trata de verificar qual utilização do modelo de temperamento de Hipócrates e Galeno, os humores ou elementos constitucionais, é a mais adequada e sim verificar que as sobreposições, ressalvadas as devidas proporções culturais, passa ser realizada de forma mais isenta de preconceitos. Afinal, não seria de se esperar que entre os mais céticos ainda permaneça aqueles que duvidaram da aplicação, validade e resultados da medicina tradicional chinesa como a aplicação da acupuntura, por exemplo.

Da mesma forma que D'Adamo (1998) orienta seus adeptos à doutrina da dieta quanto ao tipo sanguíneo, a sabedoria chinesa orienta seus seguidores a adaptar o seu cardápio (comida e bebida) à estação do ano e aos ciclos diários, segundo a dialética monística do *Yin* e *Yang*<sup>52</sup>. Aqui, enfatiza-se que não parece coincidência a questão das irregularidades de nascimento entre os tipos do sistema ABO ao longo do ano, conforme demonstrado por Lessa (1957). De todo confirma a sobreposição, por exemplo, do tipo *A* na *primavera* e a associação desta estação do ano ao tipo *Melancólico*, previsto por Bianchi (1995), assim como, o tipo *O* fora definido como *Sanguíneo* em Lessa (1944)<sup>53</sup>.

Uma tipologia fundamentalmente biológica baseada nos tipos sanguíneos do grupo ABO e sua sobreposição as quatro temperamentos de Hipócrates e Galeno, acrescidas dos achados da caracterologia passando a oito tipos caracterológicos. Tendo em vista a universalidade das aplicações e apropriações referente a esses quatro temperamentos, o presente trabalho pretende demonstrar que a grande semelhança e aproximação de estudos e pesquisas, empíricas e científicas, não pode ser fruto de acaso ou erro recorrente.

Embora alguns vejam a relação do tipo sanguíneo com uma certa reserva, há quem a veja inclusive com um certo cinismo. Nas palavras de D'Adamo:

Com todas essas conexões em ação, não surpreende que as pessoas especulem sobre características menos tangíveis que podem ser atribuídas ao tipo sanguíneo – como personalidade, atitudes e comportamento (D'ADAMO, 1998)<sup>54</sup>.

O autor cita o livro de Toshitaka Nomi, *You Are Your Blood Type*, que segundo ele vendeu mais de seis milhões de cópia no Japão, dizendo que nele há perfis de personalidade e sugestões para os vários tipos sanguíneos sobre o fazer para viver bem, com quem deve se casar e as calamitosas consequências da desobediência a esses conselhos (D'ADAMO, 1998). E segue:

Sua leitura é divertida – tanto quanto a astrologia, a numerologia ou outros métodos para encontrar nosso lugar no instável cenário do mundo. Acho porém, que a maioria dos conselhos do livro deve ser encarada com reservas. Por exemplo, não creio que um amigo ou um parceiro amoroso deva ser

---

<sup>52</sup> Vide *Tabela de Alimentação* (anexo). Em “*Medicina Alternativa: a cura está na natureza*”. Vol. 5. Editora Três. São Paulo, 1998. ISBN 85-7368-189-6.

<sup>53</sup> Lessa (1944) página 188.

<sup>54</sup> Página 36.

escolhido de acordo com o tipo sanguíneo. Eu sou tipo A e amo profundamente minha mulher, Martha, que é tipo O. Eu odiaria pensar que poderíamos ser separados para sempre por causa de alguma incompatibilidade física em nosso tipo sanguíneo. Nós nos damos muito bem, mesmo que as refeições possam ser um pouco caóticas (D'ADAMO, 1998)<sup>55</sup>.

Como poderá ser elucidado mais adiante no texto, o sucesso deste relacionamento descrito acima pode ser explicado tanto pela cismogênese<sup>56</sup> complementar como pela simétrica, considerando um dado que o autor não inclui em seus estudos: o sistema *Rhesus*. Nas palavras do autor:

Nessas alturas você deve estar querendo saber algo sobre outros identificadores, tais como os fatores positivo e negativo, secretor/não-secretor ... Essas variações, ou subgrupos, dentro dos tipos sanguíneos, desempenham papéis relativamente insignificantes (D'ADAMO, 1998)<sup>57</sup>.

A proposta deste trabalho é demonstrar a viabilidade de sobreposição dos tipos sanguíneos e o anti-rhesus aos oito tipos caracterológicos e de que forma estes podem se sobrepor aos 16 tipos psicológicos de Jung. Esquemáticamente será utilizado como referência a figura 12 para as correlações que se sucederão ao longo do trabalho.

Para a tipologia simplificada de Hipócrates e Galeno basta relacionar os tipos simples e desta forma tem-se a figura 14:

|                  |                |
|------------------|----------------|
| Melancólico<br>A | Colérico<br>AB |
| Fleumático<br>B  | Sanguíneo<br>O |

Figura 14.  
Distribuição do grupo ABO na tipologia Hipócrates e Galeno

Segundo Lessa (1947), os tipos sanguíneos também podem ser sobrepostos segundo biotipologias, guardadas as devidas ressalvas de distorções que toda tentativa como esta pode causar. Na verdade, por opção, o autor omitiu as nuances possíveis entre cada tipo estereotipado (excessivamente caracterizado pelo extremo). Como pode ser observado na figura 15, os biótipos podem ser classificados segundo o “órgão” predominante de seu tipo onde *R* é *Respiratório*, *D* é *Digestivo*, *M* é *Muscular* e *C* corresponde ao *Cerebral*.

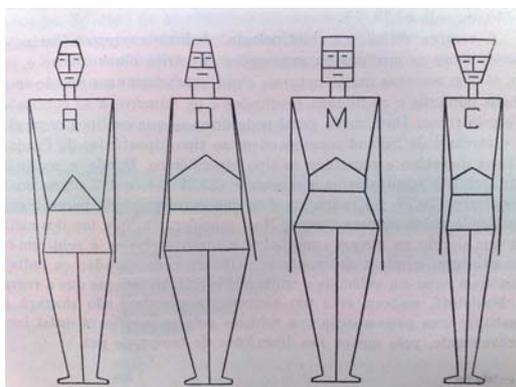


Figura 15. Biotipos característicos pela predominância dos sistema corporal, adaptado de Lessa (1944) pp. 187.

<sup>55</sup> Página 36.

<sup>56</sup> Idem 16.

<sup>57</sup> Página 15.

Segundo Lessa (1944), a caracterologia clínica, em especial as da escola francesa<sup>58</sup>, a tradução do caráter mediante proporções morfológicas são avaliadas segundo um conceito de linhas de massa, expremindo-se pelas áreas que projetam sobre a superfície do corpo, calculadas na razão direta dos volumes que limitam. Outra forma de nomenclatura, segundo o autor, é associar ao *Respiratório* como *Atmosférico*, o *Digestivo* como *Alimentar*, o *Muscular* como o *Social* e por fim o *Cerebral* como a si mesmo. Estes tipos acabam por traduzir, numa espécie de ressonância, a adaptação de cada um de nós ao seu clima óptimo (LESSA, 1944, pp. 187).

Lessa (1944) demonstra estatisticamente a distribuição dos tipos sanguíneos do grupo ABO à prevalência dos biótipos, mas seu dado mais revelador advém da peculiaridade de seu ofício como médico responsável pelo Sistema de Banco Transfusional de Portugal. Lessa citando Boulatoff nos disponibiliza o achado que não sendo em um banco de doadores, dificilmente poder-se-ia constatar:

É sempre difícil, em biotipologia, deduzir correspondências de cânones sobre as medidas ou impressões de vários observadores e, por isso, só com reservas, muito naturais é que estabeleço uma relação entre os meus números e as minhas conclusões e os números e as conclusões da escola russa. Dum modo geral pode dizer-se que os tipos respiratórios e cerebral de Sigaud correspondem ao tipo hipostênico de Pende e os tipos digestivo e muscular ao tipo hiperstênico. Onde, e somando, encontrei 199 respiratórios e cerebrais (29,22 %), e 482 digestivos e musculares (70,77 %), aumento este que corresponde à percentagem encontrada pelos autores russos. Mas, considerando que um dos motivos que decide os nossos candidatos [doadores de sangue] a inscreverem-se é sentirem-se <<sanguíneos>>, e que a estes números devem corresponder os indivíduos mais ricos em volêmiás e em hemoglobina, parece-me que a regra de Boulatoff, embora seja um elemento a atender, não chegará a constituir uma preocupação nos médicos pois se verificará quase inexoravelmente, pelo menos nas inscrições de tempo de paz (LESSA, 1944, pp. 188).

Para a correlação de caracterologia clínica dos oito tipos, decorridos os desdobramentos, segundo Le Senne (1963), incluindo-se os tipos combinados de Jung citados por Resten (1963) e os grupos sanguíneos propostos pelo presente trabalho ajustados quanto ao anti-rhesus presente (+) ou ausente (-), vide figura 16.

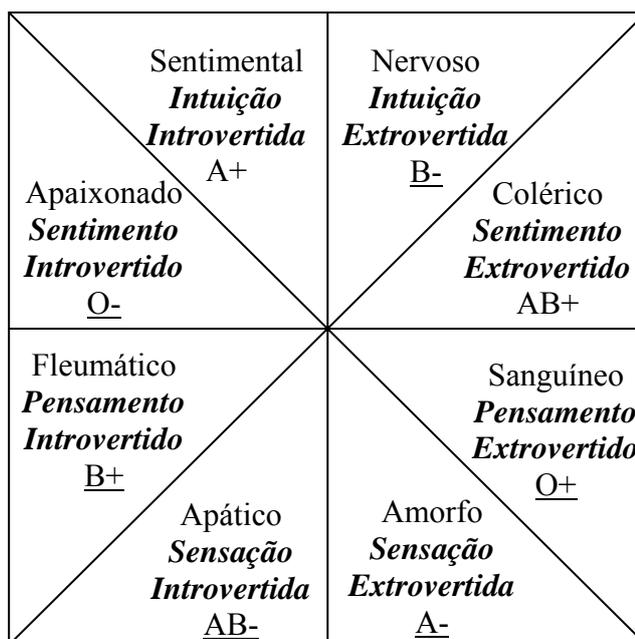


Figura 16:  
Os oito tipos  
caracterológicos e a  
sobreposição dos  
tipos de Jung  
(1961) em itálico e  
negrito. Acrescidos  
dos tipos  
sanguíneos e o Rh.

<sup>58</sup> Provavelmente o autor refere-se à escola de René Le Senne.

Note-se que a parte superior da figura 11 mostra justamente os tipos decorrentes da energia *Yin* previstos por Vill (2004)<sup>59</sup>, assim como, a parte inferior corresponde exatamente a disposição para *Yang* segundo o mesmo autor. Na cruz central pode-se ter os quatro pontos cardinais em relação aos solstícios, a esquerda da figura, tanto superior como inferior constam os tipos introvertidos e conseqüentemente à direita observa-se a presença de todas as combinações extrovertidas.

A concordância dos biótipos, o clima<sup>60</sup> e os grupos sanguíneos é fator preponderante para demonstrar que os grupos sanguíneos podem estar diretamente ligados a seleção natural proposta por Darwin além de que sua transmissão entre gerações atende os princípios da genética medeliana sendo fator de grande importância na antropologia e das hipóteses de evolução da raça humana.

O que se propôs demonstrar no presente trabalho resume-se no fato de que é imperativo delimitar os contornos do que venha a ser chamado de personalidade, caráter, temperamento e comportamento. Assim, os tipos podem ser utilizados como referência de bioconfiguração do temperamento e este como sendo um mediador entre o genético (personalidade) e o ecológico (comportamento).

---

<sup>59</sup> Vide tabela 3 página 158.

<sup>60</sup> Aspectos que interligam os tipos sanguíneos e o clima estão vastamente disponíveis em Lessa (1944), Lessa (1947) e Moreira (1965) além das fontes que estes autores citam referentes à antropologia.

## **BIBLIOGRAFIA:**

BARBOUR, J. M. *Tuning and Temperament, A Historical Survey*. New York: Capo Press, 1972).

BATESON, Gregory. *Culture Contact and Schimogenesis*. Man, 35: 178-83, 1935.

BATESON, Gregory. *Mente e Natureza: a unidade necessária*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BEGER, Gaston. *Tratado Prático de Análise do Caráter*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Agir, 1965.

BERARDINELLI, W. *Noções de Biotypologia: constituição, temperamento e caracter*. São Paulo: Francisco Alves, 1933.

BERGEN, Karel van den. *Individualidade Biológica em Perspectiva Filosófica: anotações de um velho estudante*. Victoria (Canadá): Trafford Publishing, 2006.

BIANCHI, Ivo. *Neurovegetative outline*. Pôster. Verona: Edição do autor, 1995. Uma versão digital revisada e ampliada 2008, foi acessada normalmente dia 16 de novembro às 0h50m no site do autor: <http://www.ivobianchi.com/index.php?PHPSESSID=khdtl9q8d2m4jodak0hblllu54&cat=13>

BOURDEL, L. e GENEVAY. *Sang, Temperaments, Travail e tRaces*. Paris, 1946.

BUSS, A. H. (1988). *Personality: evolutionary heritage and human distinctiveness*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

CALEGARI, Maria da Luz e GEMIGNANI, Orland H. *Temperamento e Carreira: desenvolvendo o enigma do sucesso*. São Paulo: Summus, 2006.

CALEGARI, Maria da Luz. *Parcerias de Cama e Mente: Como o temperamento tece as Relações*. São Paulo: Agora, 2008.

CARRE, Justin e col. *Agressão pode estar 'escrita no rosto'*. Acessado normalmente no dia 15 de novembro de 2008 às 18h. no site da BBC no endereço eletrônico: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/08/080820\\_agressaorosto\\_mp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/08/080820_agressaorosto_mp.shtml)

CLARK, L. A. e WATSON, D. (1999) "Teperament: a new paradigm for trait psychology". In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), *Handbook of personality: theory and research* (pp. 399-423). New York: Guildford.

CLONINGER, Robert. *Caractere: lê premier teste sanguin*. Sciences Et Avenir, septembre 1995, 27-36.

DE PAULA, Marcelo Peçanha. *Opostos que se atraem: semelhantes que se buscam*. Edição Especial do Autor. Belo Horizonte, 1999.

DEPUE, R. A. (1996). *A neurobiological framework for the structure of personality and emotion: implications for personality disorders*. In J. Clarkin & M. Lenzenweger (Eds.), ***Major Theories of personality disorders*** (pp. 347-390). New York: Guildford.

D'ADAMO, Peter J. *A Dieta do Tipo Sanguíneo: saúde, vida longa e peso ideal de acordo com o seu tipo sanguíneo*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

EIKSTEDT, E. ***Rassenkund und Rassengesdrichte der Menschheit***. Stuttgart, 1942.

EYSENCK, H. J. (1990). *Biological dimensions of personality*. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), ***Handbook of personality: theory and research*** (pp. 244-276). New York: Guildford.

JUAN-ESPINOSA, Manuel (2004). *Bases Biológicas da Personalidade*. In Flores-Mendoza, Carmen e Roberto Colom *et al.* *Introdução à Psicologia das Diferenças Individuais*/Carmen Flores-Mendoza,. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FOREHAND, D. e LONG, Nicholas. *Como Educar Crianças de Temperamento Forte: programa clinicamente comprovado de cinco semanas para pais de crianças de dois a seis anos de idade*. São Paulo: M. Books, 2003.

GAILLAT, Roger. *Chaves da Caracterologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GAÍNZA, J. Javier Goldáraz. ***Afinación y Temperamento em lá Música Occidental***. Madrid: Alianza, 1992.

GOLDSCHNEIDER, Gary. *Personologia: um método confiável para você decifrar sua vida, sua carreira e seus relacionamentos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

HALL, Calvin S. e LINDZEY, Gardner. *Teorias da Personalidade*. Vol. 2. São Paulo: EPU, 1984.

HARRIS, Judith Rich. *Não Há Dois Iguais: natureza humana e individualidade*. São Paulo: Globo, 2007.

JUNG, C. G. *Tipos Psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1991.

LABURU, José A. *Curso de Caracterologia. Psicofisiologia da Conduta: normal e patológica*. São Paulo: Sapiencia, 1953.

LAHAYE<sup>a</sup>, Tim. ***Spirit-Controlled Temperament***. Ver. Ed p. cm, 1993.

LAHAYE<sup>b</sup>, Tim. ***Transformed Temperaments***. EUA: Living Books, 1993.

LAHAYE, Tim. *Temperamento Controlado pelo Espírito*. 8ª edição. São Paulo: Loyola, 1983.

LARA, Diogo. *Temperamento Forte e Bipolaridade: dominando os altos e baixos do humor*. 8ª edição. Porto Alegre: Revolução de Idéias, 2004.

LARA, Diogo. O Modelo de Medo e Raiva Para os Transtornos de Humor, Comportamento e da Personalidade. Porto Alegre: Revolução de Idéias, 2006.

LAVASTINE, Laignel e col. *Lês Rythmes et L aVie*. França: Plon, 1947.

LE GALL, André. *Fracassos Escolares*. Lisboa: Estampa, 1963.

LE SENNE, René. *Traité de Characterologie*. 7ª edição. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

LESSA, Almerindo. *A Individualidade Biológica do Sangue: importância médica, antropológica e social dos tipos antigênicos*. Lisboa: Luso-Espanhola, 1954.

LEWIS, H. Spencer. *Autodomínio e o Destino com os Ciclos da Vida*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Renes, 1981.

LOSEY, Meg Blackburn. *Crianças de Hoje*. São Paulo: Pensamento, 2008.

MACIOCIA, Giovanni. *Os Fundamentos da Medicina Chinesa: um texto abrangente para acupunturistas e fitoterapeutas*. São Paulo: Roca, 1996.

MCCRAE, R. R. e JOHN, O. P. (1992). *An introduction to the five-factor model and its applications*. Journal of Personality, 60, 175-215.

Medicina Alternativa. *Tabela de Alimentação*. Em “*Medicina Alternativa: a cura está na natureza*”. Vol. 5 (de 40 fascículos). São Paulo: Editora Três, 1998.

PARKER, Derek e PARKER, Júlia. *Characterologia: como avaliar o caráter pelo estudo do rosto*. Lisboa: Estampa, 2000.

PERVIN, Lawrence A. e JOHN, Oliver P. *Personalidade: teoria e pesquisa*. 8ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PINTO, T. Oliveira. *Capoeira, samba, candomblé. Afro-Brasilianische Musik in Recôncavo, Bahia*. Berlin, Museum für Völkerkunde, 1991.

PINTO, T. Oliveira. Som e música: questões de uma antropologia sonora. Ver. Antropol. Vol. 44. nº1. São Paulo, 2001.

QUEIROZ, Gregório José Pereira. *O Equilíbrio do Temperamento Através da Música: uma nova maneira de ouvir música: Fogo, Terra, Ar e Água*. São Paulo: Cultrix, 1997.

RESTEN, René. *Characterología Del Criminal*. Barcelona: Luis Miracle, 1963.

ROLFE, Randy. *Os Quatro temperamentos: identifique o seu temperamento e descubra qual a influência dele em sua vida*. Tradução Vera Martins. São Paulo: Arx, 2006.

ROSSETTI, Luigi. *Prática de Characterologia Religiosa*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1965.

SANTOS, Luis A. Duarte. *Biotipologia Humana: morfologia, temperamento, caráter e inteligência: doutrinas, métodos e aplicações*. São Paulo: Acadêmica, 1941.

SCHAER, K. F. *Charakter, Blutgruppe und Konstituion*. Zurich, 1941.

VECCHIO, Egidio. *Educando Crianças Índigo: uma nova pedagogia para as crianças da nova era!*. São Paulo: Butterfly, 2006.

VILL, Von Peter. *Yin und Yang: das prinzip der Gegenregulation zur individuellen Gleichgewichtssicherung*. EHK 2004; 53; 154-164.

VITT, Marco Antonio. Biologia Molecular dos Tipos Psicológicos de Carl Gustav Jung. Revista Eletrônica da Sociedade Brasileira de Neurociência. Acessado normalmente dia 17 de novembro de 2008 às 20h30 no endereço eletrônico: [http://www.sbneurociencia.com.br/drmarcovitti/artigo\\_vitti.htm](http://www.sbneurociencia.com.br/drmarcovitti/artigo_vitti.htm)

WALLER, N. G. (1999). *Evaluating the structure of personality*. In C. R. Cloninger (Ed.), *Personality and psychopathology* (pp. 155-197). Washington, D.C.: American Psychiatric Press.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick e JACKSON, Don D. *Pragmática da Comunicação Humana*. São Paulo: Cultrix, 1967.

WISEMAN, Richard. *Revista Mente e Cérebro*, ano xx, ed. yy. 2008.

ZUCKERMAN, M. (1990). *The psychophysiology of sensation seeking*. *Journal of Personality*, 58, 313-345.

Este artigo foi disponibilizado às 18h do dia 23 de fevereiro de 2009 e pode ser acessado na íntegra no link:

[http://www.neuroacustica.com/artigos/2009/tipologias\\_humanas\\_V1.1.1.pdf](http://www.neuroacustica.com/artigos/2009/tipologias_humanas_V1.1.1.pdf)